



## **DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA DOCENTES AUTISTAS: ANÁLISE DAS NECESSIDADES E OPORTUNIDADES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS INCLUSIVOS**

### *CHALLENGES AND STRATEGIES FOR AUTISTIC TEACHERS: ANALYSIS OF NEEDS AND OPPORTUNITIES IN INCLUSIVE EDUCATIONAL ENVIRONMENTS*

DOI: 10.5281/zenodo.15597578



*José Ronaldo da Silva Bezerra<sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

A inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem ganhado visibilidade no cenário educacional brasileiro, especialmente no que se refere à presença de estudantes com diagnóstico de autismo em salas regulares. No entanto, pouco se discute sobre a vivência de docentes autistas em instituições escolares, suas necessidades específicas, os obstáculos enfrentados e as possibilidades de suporte institucional. Este artigo tem como objetivo analisar os principais desafios e estratégias relacionados à inclusão de professores com TEA no contexto escolar, com base em uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório. Foram selecionadas produções publicadas entre 2018 e 2025, oriundas de bases científicas como Scielo, PePSIC e repositórios acadêmicos. Os critérios de inclusão consideraram estudos voltados à neurodiversidade docente, práticas inclusivas, políticas educacionais e tecnologias assistivas. Os resultados apontam que, apesar de avanços na legislação inclusiva, os ambientes escolares ainda carecem de práticas efetivas de acolhimento e adaptação para profissionais autistas. Observou-se ausência de protocolos institucionais, desconhecimento das equipes gestoras sobre neurodiversidade e falta de formação continuada específica. Por outro lado, experiências bem-sucedidas demonstram que o uso de tecnologias assistivas, o apoio psicopedagógico e a escuta ativa podem favorecer a permanência e o bem-estar desses profissionais. A atuação de docentes com TEA também se mostra enriquecedora para o ambiente escolar, trazendo novas perspectivas de ensino e aprendizagem. Conclui-se que a inclusão de professores autistas exige mais que acessibilidade física ou curricular: requer o reconhecimento da

---

<sup>1</sup>Doutor em Educação E-mail: professor12.jose@gmail.com





diversidade como valor educativo, aliado ao compromisso institucional com a equidade e o respeito à singularidade. Este estudo contribui para ampliar o debate sobre inclusão no magistério e propõe caminhos para uma educação mais justa e humanizada.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Inclusão Escolar. Neurodiversidade. Docência. Educação Inclusiva.

## 1. INTRODUÇÃO

A inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se intensificado no debate educacional, especialmente com a crescente valorização da diversidade humana no contexto escolar. Entretanto, ainda são escassos os estudos que abordam de maneira específica os desafios enfrentados por docentes autistas, apesar de sua presença crescente em ambientes de ensino (WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020). Ao considerar que o espaço escolar é também lugar de trabalho e convivência para profissionais neurodivergentes, torna-se urgente repensar as práticas inclusivas não apenas para os alunos, mas também para os educadores.

Embora a legislação brasileira assegure direitos às pessoas com deficiência e proponha uma educação inclusiva, o ambiente escolar nem sempre está estruturado para acolher a neurodiversidade entre os próprios profissionais da educação (PAULA; VARGAS, 2023). Muitas vezes, docentes com TEA enfrentam barreiras invisíveis que vão desde o desconhecimento institucional até a ausência de adaptações pedagógicas que favoreçam sua permanência e bem-estar. Esse cenário demonstra a necessidade de aprofundar o debate sobre o papel da escola na promoção de condições de trabalho justas e equitativas para todos os seus integrantes (BEZERRA et al., 2023).

A problemática em questão está centrada na ausência de políticas específicas para o suporte ao professor autista, o que pode comprometer seu desempenho, saúde mental e engajamento com a prática docente. Apesar do avanço na compreensão sobre os diferentes níveis de suporte necessários às pessoas com TEA (ARAÚJO et al., 2022), os ambientes





escolares ainda falham em reconhecer e implementar medidas eficazes voltadas a profissionais neuroatípicos.

A motivação por investigar esse tema decorre da crescente visibilidade das pautas de diversidade e da neurodiversidade nos debates acadêmicos e sociais. A atuação de docentes autistas, quando apoiada e compreendida, pode contribuir significativamente para o enriquecimento das práticas pedagógicas, promovendo uma educação mais empática, sensível e inovadora. Estudos apontam que o acolhimento de diferentes formas de pensar e ensinar beneficia não apenas o profissional, mas toda a comunidade escolar (DE ALMEIDA, 2022).

A literatura contemporânea destaca que a presença de docentes com autismo, ao invés de representar uma limitação, pode ser encarada como uma oportunidade de repensar o que é ser um "bom professor" e como a diversidade de perfis pode coexistir de forma produtiva no sistema educacional (CUNHA; ARAÚJO, 2021). A adoção de estratégias como a análise do comportamento aplicada (ABA), por exemplo, tem demonstrado benefícios tanto no contexto do ensino quanto na adaptação de práticas pedagógicas a diferentes perfis neurológicos (OLIVEIRA; MASSOLIN, 2021).

Ainda assim, há lacunas quanto ao uso efetivo de tecnologias assistivas e metodologias que apoiem a docência no contexto do TEA. Ferramentas digitais, como aplicativos de organização e comunicação, vêm sendo estudadas como possíveis aliadas na superação de barreiras enfrentadas por professores autistas (MORESI et al., 2018; VALENCIA et al., 2019). Contudo, tais soluções ainda são pouco implementadas nas políticas institucionais de formação e gestão docente.

Dessa forma, observa-se a urgência de integrar instrumentos de rastreamento, estratégias de apoio psicológico e formação continuada, adaptadas às necessidades dos educadores com TEA (MOREIRA et al., 2023). A falta de suporte adequado compromete não só a permanência desses profissionais na carreira, mas também o avanço de práticas educacionais realmente inclusivas.

Neste cenário, o presente artigo tem como objetivo geral analisar os principais desafios enfrentados por docentes com Transtorno do Espectro Autista em ambientes





escolares, bem como identificar estratégias e oportunidades que favoreçam sua inclusão e valorização no âmbito educacional. Espera-se contribuir para a construção de um conhecimento acadêmico que fortaleça a luta pela equidade no espaço escolar, promovendo não apenas a inclusão de alunos, mas de toda a comunidade docente.

## 2. METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza exploratória, com delineamento do tipo revisão bibliográfica. O estudo foi realizado a partir da análise de produções científicas publicadas entre os anos de 2018 e 2025, com o objetivo de identificar e discutir os principais desafios enfrentados por docentes autistas em ambientes escolares, bem como as estratégias e políticas de inclusão voltadas a esse público.

A seleção das fontes foi orientada por critérios de inclusão que consideraram: (i) textos publicados entre 2018 e 2025; (ii) artigos, monografias, capítulos de livro e documentos institucionais com acesso público; (iii) produções em português, espanhol ou inglês que abordassem diretamente temáticas relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), inclusão escolar, práticas pedagógicas e atuação de profissionais com autismo. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados trabalhos duplicados, artigos opinativos sem fundamentação científica e publicações anteriores ao ano de 2018.

As fontes de informação utilizadas incluíram bases de dados acadêmicas como Scielo, Google Acadêmico, PePSIC e repositórios institucionais de universidades públicas e privadas. A estratégia de busca foi estruturada a partir da combinação de palavras-chave como “docente autista”, “inclusão escolar”, “transtorno do espectro autista”, “educação inclusiva”, “neurodiversidade” e “estratégias pedagógicas”.

O processo de seleção foi realizado em duas etapas. Na primeira, foi realizada uma triagem dos títulos e resumos de cada produção com base nos critérios definidos. Em seguida, as publicações selecionadas foram lidas na íntegra para a verificação do alinhamento com os objetivos do estudo e a extração dos dados pertinentes. Esse processo seguiu os princípios da





integridade acadêmica, buscando identificar convergências, lacunas e contradições na literatura.

Para a extração de dados, foram registrados os seguintes elementos: autoria, ano de publicação, tipo de documento, objetivo do estudo, metodologia utilizada, principais achados e considerações finais. Foram priorizadas produções que apresentassem discussões sobre os desafios enfrentados por professores autistas em salas de aula regulares, bem como propostas de intervenção ou relatos de experiências institucionais.

A escola e apoio terapêutico, e os de Bezerra et al. (2023), que evidenciam o papel da escola na construção de práticas inclusivas. Além disso, análises como as de Araújo et al. (2022) e De Almeida (2022) forneceram subsídios fundamentais para compreender a atuação do psicólogo na mediação dos processos de inclusão e acolhimento no contexto escolar.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise das fontes selecionadas permitiu identificar diversos aspectos críticos relacionados à vivência de docentes autistas em ambientes escolares, revelando um cenário de desafios estruturais, institucionais e culturais que ainda limitam sua plena inclusão. A literatura aponta que, embora o discurso da inclusão esteja amplamente difundido no âmbito escolar, sua aplicação prática ainda está em fase inicial quando se trata da inserção de profissionais neurodivergentes no corpo docente (WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020).

Dentre os principais desafios enfrentados por professores autistas, destaca-se a falta de políticas institucionais que contemplem suas especificidades. Em muitos casos, os docentes não recebem adaptações necessárias em suas rotinas de trabalho, o que compromete o seu desempenho e bem-estar emocional. A ausência de protocolos de acolhimento institucional, aliada à sobrecarga emocional e à pressão por resultados, pode resultar em altos níveis de estresse e isolamento social dentro do ambiente escolar.

A literatura também evidencia que há um desconhecimento generalizado por parte das equipes gestoras e pedagógicas sobre as características e necessidades dos docentes com TEA. Esse desconhecimento se reflete na falta de formações continuadas voltadas à



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



neurodiversidade, o que perpetua práticas capacitistas e reduz a possibilidade de criação de ambientes educacionais realmente inclusivos (ARAÚJO et al., 2022). Para Oliveira e Massolin (2021), essa lacuna na formação resulta em posturas pouco colaborativas e, por vezes, discriminatórias no cotidiano escolar.

Por outro lado, alguns estudos analisados trazem experiências positivas de inclusão, principalmente quando há suporte psicopedagógico e trabalho intersetorial entre escola, família e rede de apoio terapêutico. Bezerra et al. (2023) destacam que escolas que adotam políticas de escuta ativa, flexibilização de tarefas e planejamento coletivo favorecem não apenas o bem-estar do docente autista, mas também um ambiente mais empático para toda a equipe pedagógica. A atuação do psicólogo escolar, conforme apontado por De Almeida (2022), é fundamental nesse processo, uma vez que pode mediar conflitos, oferecer suporte emocional e colaborar na construção de estratégias institucionais adequadas.

A presença de docentes com autismo também tem se mostrado uma oportunidade de inovação pedagógica. Estudos como os de Cunha e Araújo (2021) indicam que tais profissionais trazem para a escola uma perspectiva diferenciada de ensino e aprendizagem, marcada pela organização, criatividade e sensibilidade a estímulos que muitas vezes passam despercebidos por outros profissionais. Essa contribuição, no entanto, só é possível quando há respeito à sua individualidade e condições adequadas de trabalho.

Além disso, o uso de tecnologias assistivas e metodologias alternativas tem sido apontado como uma estratégia eficaz para apoiar a atuação docente. Moresi et al. (2018) e Valencia et al. (2019) mostram que aplicativos de organização, plataformas adaptadas e recursos visuais podem favorecer a comunicação, o planejamento e a mediação de conteúdos, sobretudo em ambientes com alta demanda de estímulos sensoriais. Essas ferramentas devem, porém, estar integradas ao projeto pedagógico e não serem vistas como soluções isoladas.

Outro ponto relevante diz respeito à escassez de dados sistematizados sobre docentes autistas no Brasil, o que dificulta a formulação de políticas públicas efetivas. A maior parte dos estudos analisa a inclusão sob a ótica dos estudantes, negligenciando a diversidade presente entre os profissionais da educação (SANTOS et al., 2020). Para transformar esse



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



cenário, é necessário investir em pesquisas que contemplem a pluralidade do corpo docente, promovendo o reconhecimento da neurodiversidade como um valor e não como uma exceção a ser tolerada.

A formação inicial e continuada dos profissionais da educação também foi apontada como um eixo estratégico para a promoção da inclusão docente. Paula e Vargas (2023) ressaltam que, após a efetivação da Lei nº 13.935/2019, ampliou-se o debate sobre a importância da presença de psicólogos nas escolas, o que deve ser articulado à formação de professores para lidar com questões de saúde mental e inclusão de seus pares.

Os dados extraídos indicam que a construção de um ambiente escolar inclusivo para docentes autistas depende de múltiplos fatores, entre eles: o reconhecimento institucional de suas necessidades, a oferta de suporte psicopedagógico, o uso de tecnologias adaptativas, e o compromisso com uma formação crítica e sensível à diversidade humana. Essa inclusão não deve ser pautada apenas pela tolerância, mas pela valorização ativa da contribuição dos profissionais neurodivergentes para a transformação da escola em um espaço de justiça, escuta e inovação.

A análise das publicações consultadas também aponta para a importância da visibilidade das experiências subjetivas dos docentes autistas, uma vez que sua vivência ainda é invisibilizada tanto nos dados oficiais quanto nos discursos educacionais. Souza, Gonçalves e Cunha (2019) destacam que, ao se negligenciar a presença de professores neurodivergentes, perde-se a chance de repensar criticamente os padrões normativos que regem o que se entende por desempenho e competência docente no Brasil.

O estudo de Moreira et al. (2023) ressalta que instrumentos de rastreio e avaliação do espectro autista, embora amplamente aplicados a alunos, raramente são adaptados ou utilizados na identificação das necessidades de professores com o transtorno. Essa lacuna revela uma assimetria preocupante: enquanto há uma crescente mobilização por diagnósticos precoces em crianças, pouco se investiga sobre o diagnóstico e o suporte de adultos autistas no exercício profissional.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



É preciso também considerar o impacto dos estigmas sociais sobre o TEA no processo de aceitação e permanência desses docentes. Bezerra et al. (2023) indicam que, em muitos casos, o preconceito é velado e se manifesta por meio de atitudes de desvalorização, exclusão de espaços coletivos de decisão e questionamentos sobre a capacidade do docente. Essas práticas simbólicas contribuem para um clima organizacional hostil, que contraria os princípios da inclusão.

Por outro lado, as escolas que adotam modelos de gestão colaborativa, formação crítica e políticas de escuta institucional demonstram melhores condições de inclusão. O trabalho de Cunha e Araújo (2021) reforça que o engajamento da equipe gestora é determinante para o sucesso de qualquer prática inclusiva, especialmente quando há compromisso com a implementação de ajustes razoáveis e o combate a atitudes capacitistas.

Outro achado relevante diz respeito à importância da personalização pedagógica como recurso para potencializar o trabalho do docente com TEA. Segundo Santos et al. (2020), as metodologias ativas e flexíveis permitem que o professor organize seu planejamento conforme seu estilo cognitivo, favorecendo a clareza, a previsibilidade e a redução de estímulos desnecessários. Tais práticas, além de beneficiar o docente, também tendem a gerar impactos positivos na aprendizagem dos alunos.

A literatura aponta ainda para o potencial do uso de tecnologia assistiva como ferramenta facilitadora do desempenho docente. Estudos como os de Moresi et al. (2018) e Valencia et al. (2019) demonstram que o uso de aplicativos, softwares de apoio e dispositivos adaptativos pode contribuir significativamente para a organização da rotina, comunicação com os colegas e mediação das aulas. Contudo, esses recursos ainda são pouco difundidos e dependem de investimento institucional e formação adequada.

Embora avanços tenham sido conquistados na legislação brasileira — como o Estatuto da Pessoa com Deficiência e a Lei nº 13.146/2015 —, ainda há um hiato entre o que está previsto na norma e o que é efetivamente implementado nas escolas. Paula e Vargas (2023) reforçam que a implementação da Lei nº 13.935/2019 deve ser ampliada para não se restringir





à presença do psicólogo escolar, mas também à promoção de uma cultura institucional que valorize a saúde mental e a diversidade no ambiente de trabalho.

O conjunto de evidências analisadas também chama atenção para a necessidade de produção acadêmica específica sobre a atuação de professores autistas. A maior parte das pesquisas existentes se dedica ao público discente, o que reforça a invisibilidade da neurodiversidade entre os educadores. Trabalhos como os de De Almeida (2022) e Rodrigues e Clauss (2023) são exceções importantes que precisam ser valorizadas e ampliadas.

Os resultados da revisão indicam que a inclusão de docentes autistas não se resume a uma adaptação técnica, mas exige uma transformação ética e política no modo como a escola se organiza. Trata-se de compreender a neurodiversidade como um elemento constitutivo da condição humana, e não como uma anomalia a ser corrigida. Ao reconhecer e valorizar a singularidade desses profissionais, a escola se aproxima de um ideal de justiça social que deve orientar toda proposta educacional comprometida com os direitos humanos e a equidade.

## 4. CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo central analisar os desafios enfrentados por docentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto educacional e identificar estratégias e oportunidades de inclusão para esses profissionais. Com base em uma revisão bibliográfica composta por produções científicas publicadas entre 2018 e 2025, foi possível compreender que, apesar dos avanços legais e discursivos no campo da inclusão, ainda há uma lacuna significativa na implementação de políticas e práticas efetivas que contemplem a neurodiversidade no corpo docente.

A análise dos dados revelou que os professores autistas enfrentam barreiras estruturais, institucionais e culturais, muitas vezes atuando em ambientes escolares que não estão preparados para acolher suas especificidades. A ausência de protocolos institucionais, a falta de formação da equipe gestora sobre neurodiversidade e a invisibilidade de suas experiências dificultam a permanência e o bem-estar desses profissionais na carreira docente.





Apesar dos obstáculos, observou-se que algumas instituições têm conseguido promover avanços significativos por meio de ações voltadas à escuta ativa, planejamento colaborativo e adoção de práticas pedagógicas personalizadas. O uso de tecnologias assistivas e a atuação integrada de psicólogos escolares também se destacaram como recursos promissores no apoio à inclusão de docentes com TEA.

Além disso, constatou-se que a presença desses profissionais na escola não representa apenas um desafio, mas também uma oportunidade de enriquecimento pedagógico e transformação das práticas educacionais. Quando devidamente acolhidos e respeitados, professores autistas contribuem com perspectivas inovadoras e com um modo singular de se relacionar com o conhecimento e com os alunos.

A conclusão que se impõe é que a inclusão de docentes autistas exige uma mudança de paradigma: mais do que promover acessibilidade, é necessário valorizar a diversidade como eixo estruturante da educação. Para isso, é fundamental investir em formação continuada, revisão das políticas institucionais e produção acadêmica que coloque em evidência suas vozes, trajetórias e potencialidades.

Com isso, espera-se que este trabalho contribua para ampliar o debate sobre a inclusão de profissionais neurodivergentes no magistério e inspire práticas educacionais mais justas, empáticas e transformadoras, capazes de acolher as múltiplas formas de ser, ensinar e aprender presentes no espaço escolar.

## 5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. N. et al. Autismo, níveis e suas limitações: uma revisão integrativa da literatura. *PhD Scientific Review*, v. 2, n. 5, p. 8–20, 2022.

BEZERRA, D. S. et al. O papel da escola no processo educacional da criança com Transtorno do Espectro Autista. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, v. 16, n. 11, p. 28978–28993, 2023.

CUNHA, I.; ARAÚJO, J. O autismo no Brasil: no processo histórico, inclusivo e terapêutico. In: *EDUCAÇÃO em foco: desafios e possibilidades*. [S. l.]: Pantanal Editora, 2021. cap. 3, p. 30–41.



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



DE ALMEIDA, D. C. A importância do psicólogo na inclusão escolar do autista. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 15, n. 4, p. e10180, 2022.

MOREIRA, A. S.; MORAIS, I.; OLIVEIRA, M.; SALES, T. Instrumentos de rastreio para avaliação do Transtorno do Espectro Autista: uma revisão bibliográfica. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário UNA, Divinópolis-MG, 2023.

OLIVEIRA, S.; MASSOLIN, A. Estudo sobre a análise do comportamento aplicada (ABA) e sua contribuição para a inclusão de crianças com TEA, graus II e III, no Ensino Fundamental I. [S. l.], p. 1–20, fev. 2021.

PAULA, B. S.; VARGAS, T. B. T. A inserção do psicólogo nas escolas públicas brasileiras: uma compreensão da efetivação da Lei 13.935/2019. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 9, p. 3795–3812, 2023.

PEREIRA, A. F. G.; CARVALHO, M. C. L. O TEA na escola: um olhar psicopedagógico. In: CINTEDI – Congresso Internacional sobre Inclusão. *Inclusão das pessoas com deficiência, TEA e Altas Habilidades na pauta do V CINTEDI: tecendo redes de solidariedade na sociedade pós-moderna*. Campina Grande: Realize Editora, 2024. p. 31.

RODRIGUES, M.; CLAUSS, E. Os benefícios da gamificação integrada ao ensino-aprendizagem de crianças autistas no Ensino Fundamental I: um estudo bibliográfico. *Repositório Institucional*, v. 1, n. 1, 2023.

SANTOS, F. et al. Transtorno do Espectro Autista (TEA): desafios da inclusão. [S. l.], v. 2, p. 1–27, 2020.

SOUZA, A.; GONÇALVES, D.; CUNHA, D. Transtorno do Espectro Autista: uma introdução. [S. l.], p. 1–4, 2019.

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S.; ZANON, R. B. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, p. e217841, 2020.

NASCIMENTO, G. A.; DE SOUZA, S. F. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): possibilidades de intervenção psicopedagógica através da Análise do Comportamento Aplicada. *Paidéia*, 2018.

MORESI, E. A. D. et al. Tecnologia assistiva e autismo. In: *Memorias de la Octava Conferencia Iberoamericana de Complejidad, Informática y Cibernética (CICIC)*, 2018. Disponível em: <http://www.iiis.org/CDs2018/CD2018Spring/papers/CB032HE.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2025.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



VALENCIA, K. et al. The impact of technology on people with autism spectrum disorder: a systematic literature review. *Sensors*, v. 19, n. 20, art. 4485, 2019.

*Recebido em: 14/04/2025*

*Aprovado em: 15/05/2025*

*Publicado em: 05/06/2025*

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

*A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)*

